

Akira Kurosawa, Kenzaburo Oe e a perspectiva ecologista de educação

Marcos Reigota
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade de Sorocaba

Resumo

Nessa narrativa são abordadas algumas questões e acontecimentos políticos, culturais e acadêmicos relacionados com o Japão que colaboraram com a elaboração da perspectiva ecologista de educação. Essa vertente da educação ambiental tem o seu ponto de partida no questionamento da produção, uso e consequências para a humanidade e todas as outras formas de vida, do lançamento pelos EUA de bombas atômicas sobre a população civil de Hiroshima e Nagasaki. A perspectiva ecologista de educação dialoga com intelectuais e com a produção cultural japonesa de pós-guerra. Entre eles se destacam o cineasta Akira Kurosawa e o escritor Kenzaburo Oe.

Palavras-chave

Akira Kurosawa, Kenzaburo Oe, educação ambiental, cultura japonesa.

Em outros artigos tive a oportunidade de escrever sobre a influência da cultura japonesa na minha formação e particularmente sobre o impacto do lançamento das bombas atômicas pelos EUA sobre a população civil de Hiroshima e Nagasaki (REIGOTA, no prelo, 2007, 2012).

Esse momento histórico marcou o Século XX, influenciou e está presente em obras de artistas, escritores, acadêmicos dos mais diversos campos científicos e ativistas planetários.

O historiador Yoshikuni Igarashi nos alerta que:

Embora haja inúmeros textos acadêmicos e não acadêmicos sobre o Japão do pós-guerra, nenhum explicou, satisfatoriamente, as voltas e reviravoltas surpreendentes desse período específico para mim e para os alunos das minhas aulas (IGARASHI, 2011, p.17).

O movimento ecologista internacional conhecido como eco-pacifista e a conseqüentemente perspectiva pedagógica que o acompanha praticada com as mais diversas camadas da população está basicamente voltada para a eliminação das armas nucleares (e de tantas outras), da violência, da injustiça e do desrespeito com as mais diferentes formas de vida e particularmente com as mais frágeis tanto do ponto de vista biológico, como do ponto de vista social. Trata-se também de práticas pedagógicas cotidianas que recorrem com frequência aos textos literários, aos depoimentos e memória dos sobreviventes e às obras artísticas de forma geral como o cinema, a música, a poesia, o teatro, as artes plásticas, as histórias em quadrinhos (mangá) e a dança.

Trata-se também de práticas pedagógicas cotidianas que recorrem com frequência aos textos literários, aos depoimentos e memória dos sobreviventes e às obras artísticas de forma geral como o cinema, a música, a poesia, o teatro, as artes plásticas, as histórias em quadrinhos (mangá) e a dança.

A vertente política e pedagógica eco-pacifista tem sido desenvolvida em todo o mundo das mais diversas maneiras e entre nós encontraram abrigo no que se convencionou chamar de educação ambiental voltada para o aprofundamento da cidadania, da responsabilidade, da ética e da solidariedade com as mais diferentes formas de vida.

Nesse sentido tem sido necessário o aprofundamento teórico dessa perspectiva e de suas conexões com os aspectos culturais, políticos, históricos, econômicos, educacionais e ambientais do mundo contemporâneo, pois se multiplicaram os questionamentos surgidos com as pesquisas e práticas pedagógicas cotidianas.

Não são poucos os intelectuais, artistas e ativistas japoneses e japonesas que contribuíram com esse processo questionador e investigativo, no entanto dois deles marcaram-no profundamente: Akira Kurosawa e Kenzaburo Oe.

O cineasta Akira Kurosawa teve grande influência no nosso meio desde que o seu filme “Dersu Uzala” foi exibido no Brasil no final dos anos 1970.

Como em outros países, “Dersu Uzala” provocou comovidas manifestações, foi um sucesso de público e crítica e continua sendo exibido em vários contextos pedagógicos e culturais em que a temática ecológica se faz presente.

O perfeccionismo de Akira Kurosawa é bastante conhecido e documentado (RICHIE, 2000, NOGAMI, 2010) tornando os seus filmes verdadeiras obras-primas que resistem ao tempo e às banalidades. Eles cativam os espectadores, provoca reflexões e questionamentos.

Como ele mesmo observa se referindo ao filme “Domingo Maravilhoso”,

Quando o público vai assistir a um filme, está participando mais ou menos dele de qualquer modo, até que cada um se torna emocionalmente envolvido no filme e se esquece de si mesmo. Mas esse fenômeno ocorre no coração das pessoas e se traduz em ação apenas até o limite do aplauso espontâneo por exemplo (KUROSAWA, 1990, p.225).

O conhecimento sobre a floresta siberiana, a sabedoria, o respeito pela vida, a simplicidade, a franqueza e a amizade de Dersu Uzala pelo capitão Arseniev trouxeram ao mundo, marcado pela violência e pela corrida armamentista da Guerra Fria, outras possibilidades de existência.

Em uma das cenas mais marcantes desse filme, Dersu Uzala dispara contra um tigre. Como observa Teruyo Nogami, colaboradora e assistente de Kurosawa em muitos filmes, o tigre

é o bicho que ele mais tem medo, chamando o de “Amba”. O tigre é um animal divino, enviado por Kaniga, o espírito da floresta. Mesmo assim há um momento em que Dersu dispara contra um tigre. A partir daí ele teme que a ira de Kaniga incorpore num felino que acabará por matá-lo, e sua vida se torna um emaranhado de reveses (NOGAMI, 2010, p.173).

Outro filme de Akira Kurosawa que tem sido assistido com os mesmos objetivos é “Sonhos” de 1990. Os diferentes episódios que o compõem nos remetem a momentos que marcam a existência humana, inclusive as opções tecnológicas que podem provocar a extinção de toda forma de vida, como é o caso da energia e das armas nucleares.

O episódio que aborda a explosão de uma usina nuclear é um dos mais contundentes na história do cinema e esteve muito presente nas redes sociais quando, após o tsunami que ocorreu no Japão em 2011, a usina nuclear de Fukushima foi destruída.

A contribuição pedagógica do filme “Sonhos” tem sido abordado por vários colegas brasileiros e um livro organizado pelas professoras Nívea Andrade Nilda Alves, da UERJ, reflete isso. Com o título “Sonhos de escolas - Conversas com Kurosawa”, os autores e autoras se debruçam em cada um dos episódios do filme relacionando-os com as escolas em que atuam e com práticas pedagógicas que desenvolvem (ANDRADE; ALVES, no prelo).

A obra de Akira Kurosawa, inclui também “Rapsódia em agosto” de 1991 que complementa nosso argumento. Nele uma senhora viúva, sobrevivente da bomba lançada em Nagasaki, ocasião em que perdeu o marido, conta aos netos histórias e a sua memória dos acontecimentos. Em determinado momento ela recebe a visita de um parente americano, que desconhecia a história e chega para pedir desculpas e oferecer ajuda.

Em 2000 fui contemplado com uma bolsa de pesquisa da Fundação Japão e fui recebido pelo professor Masato Morita na Josai International University em Chiba. O professor Morita é um físico nuclear, com formação na Columbia University, tendo sido professor na Universidade de Osaka e presença destacada na discussão acadêmica sobre a proliferação das armas nucleares.



Chegando a Tóquio - Agosto-2000

Cheguei ao Japão para pesquisar sobre o impacto das bombas atômicas na produção cultural e nas práticas pedagógicas do Japão contemporâneo. O professor Morita organizou a minha ida a Hiroshima e a Nagasaki e eu pude participar das Comemorações pela Paz, como convidado oficial das respectivas prefeituras. Antes disso, passei uns dias em Tóquio e na sessão de livros em inglês da loja Tower Records em Shibuya encontrei “Hiroshima notes” de Kenzaburo Oe.

A leitura desse livro foi decisiva para que esse autor passasse a ter destaque importante nas minhas pesquisas e práticas pedagógicas. Kenzaburo Oe escreveu “Hiroshima notes” quando se encontrava num momento pessoal muito difícil, pois não sabia se o seu filho recém-nascido sobreviveria ou não, pois nascera com uma anomalia cerebral (OE, 1996).

O encontro que o escritor teve com os sobreviventes da bomba atômica proporcionou a ele superar esse momento difícil. Felizmente o seu filho sobreviveu e se tornou um compositor muito conceituado.

O combate de Kenzaburo Oe contra as armas nucleares marcou a sua trajetória de intelectual público, influenciado por Jean-Paul Sartre, assim como a sua escrita que lhe rendeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1994.

Entre os livros de Kenzaburo Oe que abordam diretamente esses temas encontram-se “Uma questão pessoal” de 1964 (publicado no Brasil em 2003) e “Jovens de um novo tempo, despertai!” de 1983 (publicado no Brasil em 2006).

Após o tsunami que destruiu Fukushima, Kenzaburo Oe voltou a ter maior presença na mídia japonesa e internacional, enfatizando e reafirmando os perigos da opção nuclear.

Em uma entrevista concedida ao jornal francês Le Monde e publicada como apêndice da edição espanhola de “Hiroshima notes” ele afirma:

los japoneses, que vivieron la experiencia de la bomba atómica en sus propias carnes, no pueden considerar la energía nuclear en términos de productividad industrial, es decir, no deben intentar extraer de la experiencia trágica de Hiroshima una “receta” de crecimiento. Como en el caso de los terremotos, los tsunamis y otras catástrofes naturales, hay que gravar la experiencia de Hiroshima en la memoria de la humanidad: es un desastre todavía más dramático que los naturales, puesto que se debe a la mano del hombre (OE, 2011 a, pp 216-217).

Estudiosos da obra de Kenzaburo Oe, como Antonin Bechler chegam a afirmar que “mais que nenhum outro Oe aborda a pós-guerra com todas as suas contradições, esperanças e desilusões” (BECHLER, 2014, p. 12).

Para o historiador Yoshikuni Igarashi, Kenzaburo Oe “anseia pela reinscrição da perda (se referindo à Guerra do Pacífico na Ásia) na história japonesa e insiste que esta é uma perda que merece o velamento do Japão” (IGARASHI, 2011, p. 230).

Ao abordar aspectos da vida cotidiana japonesa frente ao legado de destruição material e psicológica dos sobreviventes, Kenzaburo Oe singulariza a sua escrita e encontra leitores que se identificam com ela independente das suas origens sociais e pertencimentos nacionais, culturais ou linguísticos. Se identificam com o escritor os cidadãos e cidadãs do mundo que se perguntam: É possível “fecundar o território da miséria e transformar em vida aquilo que é letárgico e deteriorante?” (OSAKABE, 1995, p.12).

As coletâneas de contos de sua autoria publicados em português (OE, 1995, 2011 b) reforçam esse argumento, pois

retratam o homem sob o regime de ocupação estrangeira, no seu habitat de confinamento, em suas atividades estéreis, a guerra e a vida comunitária sensíveis às discriminações do poder, o que expõe com um senso crítico aguçado mas imbuído de lirismo poético, abarcando tais problemática sociais do ponto de vista global (WAKISAKA, 1995, p.17).

Com as conversas com o professor Masato Morita e depois de ter visitado Hiroshima e Nagasaki e os seus respectivos museus que expõem uma das maiores atrocidades contemporâneas iniciou-se o processo de redefinição e de singularização de nosso trabalho e grupo de pesquisa na Universidade de Sorocaba, passando a ser então chamado de “Perspectiva ecologista de educação”.

Ainda em Tóquio pude me encontrar com o filósofo Philippe Nys, professor da Universidade Paris VIII, que se encontrava na Universidade de Kyoto com uma bolsa da Fundação Japão. O professor Nys é um dos nomes destacados na difusão da filosofia japonesa na Europa (STEVENS, 2008, p. 61) e tem o seu trabalho voltado para a temática ambiental.

Num dos seminários do professor Nys que presenciei ele me apresentou a Tetsuya Ozaki diretor editorial da revista *Coucou no tchi*. Essa revista, que teve apenas dois números, era o espaço da reflexão teórica sobre a Exposição Universal que ocorreria no Japão em 2005 e que teria como tema a “sabedoria da natureza”.

O primeiro número da revista traz uma longa entrevista com Claude Lévi-Strauss e fotos que ele fez no Brasil quando escreveu “Tristes trópicos”. No segundo número há entrevistas com Michel Serres, Bruno Latour e com Philippe Nys. O nome da revista é uma adaptação do termo *kukunochi*, que no japonês antigo quer dizer “a divindade e o espírito da natureza” (*Coucou no tchi*, 1999, p.23).

O intercâmbio entre e com os intelectuais japoneses e franceses envolvidos com a definição conceitual do que seria a Exposição Universal de Aichi em 2005, me permitiu receber uma segunda bolsa de Pesquisa da Fundação Japão. Dessa vez fui acolhido pela professora Chyoko Mita, no Centro de Estudos Luso-brasileiros da Universidade Sophia de Tóquio e foi intenso o intercâmbio com professores brasileiros e brazilianists daquela universidade.

A pesquisa que realizei nessa ocasião foi sobre as diferentes representações de natureza presentes na Exposição Universal de Aichi e as suas relações com as práticas pedagógicas e sociais que se identificam como educação ambiental.

Realizei várias visitas etnográficas ao enorme espaço e pavilhões dos inúmeros países que procuravam representar da melhor forma (e oficialmente) possível a natureza do seu país.

Apesar da beleza e riqueza dos pavilhões nacionais e da diversidade de representações sobre a natureza presente em cada um deles, o local não parecia ser o mais adequado para a discussão de temas ecológicos complexos como os abordados nos dois números da revista *Coucou no tchi*.

Em torno da Exposição Universal de Aichi, ocorreram muitas atividades artísticas e acadêmicas de alto nível, mas de forma geral esteve ausente a discussão sobre a educação ambiental como a praticamos na América Latina e com as questões que tenho abordado aqui. No entanto as crianças e as pessoas de diferentes faixas etárias encontraram na Exposição Universal de Aichi inúmeras atividades recreativas e de sensibilização relacionadas com o estar na e com a natureza.

Nesse contexto fui convidado para dar seminários e conversar com colegas de diferentes universidades japonesas. Na Universidade de Kanda, ministrei uma conferência para os estudantes de português e na ocasião conheci Yusuke Sakai, atualmente professor de educação ambiental na Universidade de Kagoshima.

O jovem professor Yusuke Sakai esteve algumas vezes no Brasil e esteve dialogando com os meus orientandos na Universidade de Sorocaba. Numa de suas viagens, fomos juntos a Promissão (minha cidade natal) participar de atividades comemorativas do centenário da imigração japonesa no Brasil.

O seu trabalho está marcado pelo pensamento pedagógico de Paulo Freire e pelo envolvimento com as comunidades, principalmente as relacionadas com a agroecologia. Yusuke Sakai tem nos apresentado o trabalho de alguns dos mais renomados educadores ambientais japoneses como Toshihiko Andoh, Eiichiro Harako, Yuichi Inoue e Mitsuyuki Imamura.

Os diálogos, pesquisas, aulas, conferências e seminários, em diferentes universidades no Brasil e no exterior ao longo desses anos sobre a Perspectiva Ecologista de Educação originaram vários trabalhos relacionadas com os temas aqui apresentados, que por sua vez originaram outras práticas pedagógicas com características próprias.

Entre os mais recentes textos publicados por alguns dos meus ex-orientandos de mestrado na Universidade de Sorocaba encontram-se o de Rodrigo Barchi “Os estalos e os ecos” que aborda o lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki (BARCHI, 2013) e o de Carmem Machado “(Des)orientando-se com Akira Kurosawa: Vida cotidiana, educação e arte” no qual o filme “Sonhos” é o fio condutor (MACHADO, 2014).

Inúmeros encontros com professores e professoras do ensino médio e fundamental pelo Brasil foram fundamentais para aprofundar, esclarecer e tornar viável no contexto escolar, cultural, social, político, ambiental e cultural em que vivemos a perspectiva ecologista de educação.



Prece às vítimas - Nagasaki - Agosto-2000

Como continuidade desse processo investigativo um acontecimento importante ocorreu no auditório da Fundação Japão na Avenida Paulista envolvendo filósofos e estudiosos da Escola de Kyoto (STEVENS, 2008, LOPARIC, 2009, NETO; GIACÓIA Jr., 2012) que além de apontar para a continuidade, possibilidades e aprofundamento da reflexão desenvolvida até o momento significou um reencontro com a filosofia da Escola de Louvain e com o pensamento de Jean Ladrière. A Escola de Kyoto é uma corrente filosófica que teve em Kitaro Nishida, Keiji Nishitami e Hajime Tanabe os seus precursores. Entre os principais temas desenvolvidos por eles se encontram-se as experiências culturais com a natureza na vida cotidiana, incluindo os seus aspectos éticos, religiosos e ecológicos (STANDISH; SAITO, 2012). Nesse sentido a Escola de Kyoto se encontra com o pensamento da Escola de Louvain cujo nome mais conhecido e de maior influência na filosofia contemporânea é o de Jean Ladrière. Na perspectiva, digamos ocidental, a Escola de Louvain aborda vários dos mesmos temas da Escola de Kyoto acrescentando a eles aspectos relacionados com a justiça social e com a política. A destruição da natureza em nome do progresso e de todas as formas de vida pelas armas nucleares, são exemplos concretos de temas e acontecimentos que possibilitam releituras de ambas escolas filosóficas através das práticas pedagógicas ecologistas e de produtos culturais (cinema, literatura, etc) que atravessam fronteiras e chegam ao grande público. Como a reflexão do tempo presente em que vivemos e que herdamos da Segunda Guerra Mundial não se limita aos estudos filosóficos acadêmicos, artistas e escritores como Akira Kurosawa e Kenzaburo Oe “traduzem”, reelaboram e recriam os mesmos argumentos através de suas obras cinematográficas e literárias.

Na segunda metade dos anos 1980 na Universidade Católica de Louvain, quando ali participava dos seminários de Jean Ladrière recebi do meu colega Fumiaki Iwata indicações sobre a Escola de Kyoto e as suas relações com a ecologia e com a educação. Ele me chamou a atenção para um tema que tem sido cada vez mais estudado e difundido no nosso campo em vários países e que esperamos dar continuidade procurando relacionar a importância da ética, da justiça social e da participação cidadã no nosso contexto cultural, educacional e ambiental. As contribuições e conexões dessas escolas filosóficas com as obras de Akira Kurosawa e Kenzaburo

Em torno da Exposição Universal de Aichi, ocorreram muitas atividades artísticas e acadêmicas de alto nível, mas de forma geral esteve ausente a discussão sobre a educação ambiental como a praticamos na América Latina e com as questões que tenho abordado aqui. No entanto as crianças e as pessoas de diferentes faixas etárias encontraram na Exposição Universal de Aichi inúmeras atividades recreativas e de sensibilização relacionadas com o estar na e com a natureza.



Após a Celebração Oficial pela Paz - Diante do Monumento em memória de Sadako Sasaki - Hiroshima - Agosto-2000

Nesse contexto fui convidado para dar seminários e conversar com colegas de diferentes universidades japonesas. Na Universidade de Kanda, ministrei uma conferência para os estudantes de português e na ocasião conheci Yusuke Sakai, atualmente professor de educação ambiental na Universidade de Kagoshima.

O jovem professor Yusuke Sakai esteve algumas vezes no Brasil e esteve dialogando com os meus orientandos na Universidade de Sorocaba. Numa de suas viagens, fomos juntos a Promissão (minha cidade natal) participar de atividades comemorativas do centenário da imigração japonesa no Brasil.

O seu trabalho está marcado pelo pensamento pedagógico de Paulo Freire e pelo envolvimento com as comunidades, principalmente as relacionadas com a agroecologia. Yusuke Sakai tem nos apresentado o trabalho de alguns dos mais renomados educadores ambientais japoneses como Toshihiko Andoh, Eiichiro Harako, Yuichi Inoue e Mitsuyuki Imamura.

Os diálogos, pesquisas, aulas, conferências e seminários, em diferentes universidades no Brasil e no exterior ao longo desses anos sobre a Perspectiva Ecologista de Educação originaram vários trabalhos relacionadas com os temas aqui apresentados, que por sua vez originaram outras práticas pedagógicas com características próprias.

Entre os mais recentes textos publicados por alguns dos meus ex-orientandos de mestrado na Universidade de Sorocaba encontram-se o de Rodrigo Barchi “Os estalos e os ecos” que aborda o lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki (BARCHI, 2013) e o de Carmem Machado “(Des)orientando-se com Akira Kurosawa: Vida cotidiana, educação e arte” no qual o filme “Sonhos” é o fio condutor (MACHADO, 2014).

Inúmeros encontros com professores e professoras do ensino médio e fundamental pelo Brasil foram fundamentais para aprofundar, esclarecer e tornar viável no contexto escolar, cultural, social, político, ambiental e cultural em que vivemos a perspectiva ecologista de educação.

Como continuidade desse processo investigativo um acontecimento importante ocorreu no auditório da Fundação Japão na Avenida Paulista envolvendo filósofos e estudiosos da Escola de Kyoto (STEVENS, 2008, LOPARIC, 2009, NETO;GIACÓIA Jr., 2012) que além de apontar para a continuidade, possibilidades e aprofundamento da reflexão desenvolvida até o momento significou um reencontro com a filosofia da Escola de Louvain e com o pensamento de Jean Ladrière. A Escola de Kyoto é uma corrente filosófica que teve em Kitaro Nishida, Keiji Nishitami e Hajime Tanabe os seus precursores. Entre os principais temas desenvolvidos por eles se encontram-se as experiências culturais com a natureza na vida cotidiana, incluindo os seus aspectos éticos, religiosos e ecológicos (STANDISH;SAITO, 2012). Nesse sentido a Escola de Kyoto se encontra com o pensamento da Escola de Louvain cujo nome mais conhecido e de maior influência na filosofia contemporânea é o de Jean Ladrière. Na perspectiva, digamos ocidental, a Escola de Louvain aborda vários dos mesmos temas da Escola de Kyoto acrescentando a eles aspectos relacionados com a justiça social e com a política. A destruição da natureza em nome do progresso e de todas as formas de vida pelas armas nucleares, são exemplos concretos de temas e acontecimentos que possibilitam releituras de ambas escolas filosóficas através das práticas pedagógicas ecologistas e de produtos culturais (cinema, literatura, etc) que atravessam fronteiras e chegam ao grande público. Como a reflexão do tempo presente em que vivemos e que herdamos da Segunda Guerra Mundial não se limita aos estudos filosóficos acadêmicos, artistas e escritores como Akira Kurosawa e Kenzaburo Oe “traduzem”, reelaboram e recriam os mesmos argumentos através de suas obras cinematográficas e literárias.



Homenagem às vítimas - Hiroshima - Agosto-2000

Na segunda metade dos anos 1980 na Universidade Católica de Louvain, quando ali participava dos seminários de Jean Ladrière recebi do meu colega Fumiaki Iwata indicações sobre a Escola de Kyoto e as suas relações com a ecologia e com a educação. Ele me chamou a atenção para um tema que tem sido cada vez mais estudado e difundido no nosso campo em vários países e que esperamos dar continuidade procurando relacionar a importância da ética, da justiça social e da participação cidadã no nosso contexto cultural, educacional e ambiental. As contribuições e conexões dessas escolas filosóficas com as obras de Akira Kurosawa e Kenzaburo Oe são de grande relevância para o nosso trabalho de ensino, pesquisa e de aprofundamento conceitual do que definimos como Perspectiva Ecologista de Educação.

Foram necessárias quase três décadas para que aquelas conversas e encontros informais com Fumiaki Iwata em Louvain-la-neuve tivessem ressonância no meu trabalho e espero que outros acontecimentos, com a mesma intensidade e pertinência, ocorram nos anos que virão.

Arigatô e sayonara.

Referências

- ANDRADE, Nívea; ALVES, Nilda (orgs). **Sonhos de escolas**: Conversas com Akira Kurosawa. Petrópolis/Rio de Janeiro: DPet Allii/ FAPERJ, no prelo.
- BARCHI, Rodrigo. Os estalos e os ecos. **Revista de Estudos Universitários**, v. 39, n.2, 2013, pp 539-543.
- BECHLER, Antonin. Kenzaburo Oe: The Barbarien of Reality. **La vie des idées**, 25, september 2014, pp1-13.
- COUCOU NO TCHI, Encounter with Claude Lévi-Strauss, **Coucou no Tchi**, Tokyo, n.1, Winter 1999.
- COUCOU NO TCHI, A contract with Nature, **Coucou no Tchi**, Tokyo, n.2, Spring, 2000.
- IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**: Narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970). São Paulo: Annablume, 2011. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo.
- KUROSAWA, Akira. **Relato autobiográfico**. São Paulo: Estação Liberdade. 1990. Tradução de Rosane Barguil Pavam, Marina Naomi Yanai, Heitor Ferreira da Costa e Izabella Sanches.
- LOPARIC, Zelijko (org.). **A escola de Kyoto e o perigo da técnica**. São Paulo: DWW Editorial, 2009.
- MACHADO, Carmem. (Des)orientando-se com Akira Kurosawa: vida cotidiana, educação e arte. **Espacios transnacionales**, n. 2, enero-junio, 2014, pp.141-148.
- NETO, Antonio Florentino; GIACÓIA Jr., Oswaldo (orgs). **Heidegger e o pensamento oriental**. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- NOGAMI, Teruyo. **À espera do tempo**: Filmando com Kurosawa. São Paulo: Cosac Naify/Mostra de Cinema de São Paulo, 2010. Tradução de Diogo Kaupatez.
- OE, Kenzaburo. **Cuadernos de Hiroshima**. Barcelona: Anagrama. 2011 a. Tradução de Yoko Ogihara e Fernando Cordobés.
- OE, Kenzaburo. **14 contos de Kenzaburo Oe**. São Paulo: Cia das Letras. 2011 b. Tradução de Leiko Gotoda. Introdução de Arthur Dapieve.
- OE, Kenzaburo. **Jovens de um tempo novo, despertai!**. São Paulo: Cia das Letras, 2006. Tradução de Leiko Gotoda.
- OE, Kenzaburo. **Uma questão pessoal**. São Paulo: Cia das Letras, 2003. Tradução de Shintaro Hayashi.
- OE, Kenzaburo. **Hiroshima notes**. New York: Groves. Tradução de David L. E Swain e Toshi Yonezawa. OE, Kenzaburo. **Contos**. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 1995. Organização de Geny Wakisada.
- OSAKABE, Haqira. Apresentação; in OE Kenzaburo. **Contos**. São Paulo: Ceentro de Estudos Japoneses da USP, 1995, pp. 9-12. Organização de Geny Wakisaka.
- REIGOTA, Marcos. Reinventando Van Gogh; in ANDRADE, Nívea; ALVES, Nilda (orgs). **Sonhos de escolas**: Conversas com Akira Kurosawa. Petrópolis/Rio de Janeiro: DPet Allii/FAPERJ, no prelo.
- REIGOTA, Marcos. Os filhos do átomo: Cultura nipo-brasileira e bio:grafia eco-pacifista; in SAYÃO, Sandro; PELIZZOLI, Marcelo (orgs). **Fragmentos filosóficos**: Direitos humanos e Cultura da Paz. Recife: Ed Universitária UFPE, 2012, pp.113-128.
- REIGOTA, Marcos. Fragmentos do discurso da morte atômica; in GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia (orgs). **Leituras da morte**, São Paulo: Annablume, 2007, pp 129-142.
- RICHIE, Donald. **Retratos japoneses**: Crônicas da vida pública e privada. São Paulo: Edunesp/Escrituras, 2000. Tradução de Lúcia Nagib.
- STANDISH, Paul; SAITO Naoko (eds.) **Education and the Kyoto School of Philosophy**: Pedagogy for Human Transformation. Dordrecht/Heidelberg/New York/London: Springer, 2012.
- STEVENS, Bernard. **Invitación a la filosofía japonesa**: En torno a Nishida. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2008. Tradução de José Miguel Marcén. Prólogo de Raquel Bouso.
- Wakisaka, Geny. Introdução, in; OE, Kenzaburo. **Contos**. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 1995, pp.13-20. Organização de Geny Wakisaka.